

2

Dr. Fabio Luz.

Sua carta de 1/11 foi  
para mim precioso estímulo.

Infinita gratidão por tão delicadas  
expressões e votos pela minha ascen-  
são para a conquista libertária.

Não me atrevesi com a palavra Anarchia.

O meu coração já sente o que  
seja esse grande ideal.

Falta-me de facto qualques  
coisa para eu me desfogar por com-  
pleto de alguns tantos prejuizos  
daes — como a creença em reformas  
burguezas segundo a sua expressões.

É que ainda não comprehendí  
bem esta reviravolta necessario no

Mecanismo social.

Respeito-a, sinto-lhe a necessidade, entretanto eu não saberia como se deveriam architectar novas sociedades assentadas em bases de equidade se destes escombros si nos restam desilusão, miséria, injustiça, septicismo, falta de caracter.

Apeço-me ai vezes ai leis sem ter fé, convicta da sua inutilidade. Mas, neste periodo de transformações a que se deve apegar a gente e qual taboa de salvacao?

Anteis, improprias as reformas burguesas, mas, se o mundo esta nas maos dos burgueses e o povo não está preparado para a revolução social e essa revolu-

cas não é falhez para os nossos dias  
 ou pelo menos não dará o resulta-  
 do desejado em os nossos dias?...  
 Ou que devemos contar por  
 ora?

Apello entao para a educacao  
 popular. Ao mesmo tempo sinto-  
 mo a impotencia uma vez que a  
 faccao governista não cuida disso  
 e o povo ou a iniciativa particular  
 nada pôde diante de tal imenso  
 problema.

Emfim, meu venerando Ca-  
 marada, fico no caso, não  
 sei desse circulo vicioso.  
 Se tiver tempo queira ser  
 a bondade de me dizer alguma  
 coisa a respeito. R. Guem

sabe a sua lógica me convencera?

Ocorre o seguinte: aquelles que estão fora desse ideal, por ignorancia o não comprehendem e essa lingua-gem os assusta, não é pela per-suasão que nós os convencemos?

Acho o golpe por demais profundo para toda essa gente incapaz de encarar a questão. Em torno de mim vejo ou ouço as maiores barbaridades contra o ideal anarchico, barbaridades pro-nunciadas por pessoas generosas, idealistas.

É que o tempo não sou para ellas: é a ignorancia, e, não se ensina a criança a força o que o seu cerebro não pôde conceber. É preciso gosto e tempo na obra educativo. O povo é como a criança.

Fico lhe que me diga porque é que  
 não tenho razão.

Eu anseio pela Verdade  
 e aproveito todas as oportuni-  
 dades que se me deparam para  
 apprender com os mais experientes,  
 com os mais dignos da nossa  
 admiração e respeito.

Presço imenso que me  
 conte entre o numero dos seus  
 grandes admiradores, dos seus  
 melhores amigos.

Fico certo pela felicidade  
 dos seus filhos queridos.

Saudações fraternas

Maria Lacerda de Moura.

18-11-1920 - Barbacena.